

## O cinema fora do armário: cartografia dos personagens homossexuais no cinema brasileiro (1920-2017)

Francisco Arrais Nascimento<sup>1</sup>, Daniel Martínez-Ávila<sup>2</sup>

Recibido: 14 de marzo de 2022 / Aceptado: 31 de mayo de 2022

**Resumo.** Objetivou-se cartografar as produções cinematográficas brasileiras que apresentam em seu enredo fílmico personagens homossexuais, identificando-os, de modo a compreender como as sexualidades não hegemônicas foram representadas no cinema brasileiro no período de 1923-2017. Sob perspectiva foucaultiana, utilizou-se da cartografia de documentos, identificando-se 208 produções que apresentam em seu enredo personagens homossexuais ou que representem as sexualidades não hegemônicas. Ao adentrar o domínio das sexualidades não hegemônicas emerge-se um cenário balizado por um construto social multifacetado, dissidente e fronteiro que atua não somente como forma de legitimação, mas constitui-se enquanto resistência. Ressalta-se que, o perspectiva da biologia atua enquanto um agente naturalizador da desigualdade em uma divisão binária, socialmente construída com o intuito de ocultar mecanismos que operam em prol da manutenção do poder, apagando toda forma de contestação e consequentemente de mudança social. Com isso, as memórias subterrâneas insurgem em cenários específicos onde as representações de sujeitos abjetos são influenciadas por contextos sociais, políticos, econômicos e culturais para além das lutas nas quais os grupos marginalizados auferem espaço.

**Palavras-chave:** Sexualidades Não Hegemônicas, LGBTIQ+, Cinema queer, Cinema brasileiro, Cinemateca Brasileira.

## [en] The Cinema to Come Out of the Closet: Cartography of Homosexual Characters in Brazilian Cinema (1920-2017)

**Abstract.** The objective was to map the Brazilian cinematographic productions that present homosexual characters in their film plot, identifying them, in order to understand how non-hegemonic sexualities were represented in Brazilian cinema in the period 1923-2017. From a Foucauldian perspective, the cartography of documents was used, identifying 208 productions that present homosexual characters in their plot or that represent non-hegemonic sexualities. When entering the domain of non-hegemonic sexualities, a scenario emerges marked by a multifaceted, dissident and bordering social construct that acts not only as a form of legitimation, but constitutes itself as resistance. It is noteworthy that the perspective of biology acts as a naturalizing agent of inequality in a binary division, socially constructed in order to hide mechanisms that operate in favor of the maintenance of power, erasing all forms of contestation and consequently of social change. As a result, underground memories arise in specific scenarios where representations of abject subjects are influenced by social, political, economic and cultural contexts beyond the struggles in which marginalized groups gain space.

**Keywords:** Non-Hegemonic Sexualities, LGBTIQ+, Queer Cinema, Brazilian Cinema, Brazilian Cinematheque

## [es] Cine fuera del armario: cartografía de los personajes homosexuales en el cine brasileño (1920-2017)

**Resumen.** El objetivo fue mapear las producciones cinematográficas brasileñas que presentan personajes homosexuales en su trama fílmica, identificándolos, para comprender cómo las sexualidades no hegemónicas fueron representadas en el cine brasileño en el período 1923-2017. Desde una perspectiva foucaultiana se utilizó la cartografía de documentos, identificando 208 producciones que presentan en su trama personajes homosexuales o que representan sexualidades no hegemónicas. Al ingresar al dominio de las sexualidades no hegemónicas, emerge un escenario marcado por una construcción social multifacética, disidente y fronteriza que actúa no solo como forma de legitimación, sino que se constituye como resistencia. Llama la atención que la perspectiva de la biología actúa como agente naturalizador de la desigualdad en una división binaria, construida socialmente para ocultar mecanismos que operan a favor del mantenimiento del poder, borrando toda forma de contestación y consecuentemente de cambio social. Como resultado, las memorias subterráneas surgen en escenarios específicos donde las representaciones de sujetos abyectos están influenciadas por contextos sociales, políticos, económicos y culturales más allá de las luchas en las que los grupos marginados ganan espacio.

**Palabras clave:** Sexualidades no hegemónicas, LGBTIQ+, Cine brasileño, Cine queer, Cinemateca brasileña.

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São Paulo, Brasil  
E-mail: [francisco.arrais.nascimento@gmail.com](mailto:francisco.arrais.nascimento@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4424-8844>

<sup>2</sup> Universidad de León. E-mail: [dmarta@unileon.es](mailto:dmarta@unileon.es) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2236-553X>

**Sumário:** 1 Introdução. 2. Metodologia. 3. Análise e resultados. 4. Considerações finais. 5. Referências.

**Cómo citar:** Arrais Nascimento, F.; Martínez-Ávila, D. (2022). O cinema fora do armário: cartografia dos personagens homossexuais no cinema brasileiro (1920-2017), em *Estudios LGBTQ+ Comunicación y Cultura*, 2(1), pp. 91-115.

## 1. Introdução

Ao imergir nos estudos culturais, sob a vertente dos estudos de Gênero, Beauvoir (1967, p. 9) afirma que “[...] ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, assim, se pode inferir também que, “[...] os homens não nascem homens, eles são feitos homens” (Gabeira, 1986, p. 11) segundo os modelos normativos pelos quais a sociedade se baliza, ancorando-se em estereótipos e performatividades. Tal afirmação apresenta duas facetas acerca do gênero, uma variável e outra volitiva. Neste estudo, entende-se por gênero “[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2003, p. 59).

Butler (1998, p. 283) norteando-se sob as linhas de (Austin, 1975) afirma que “[...] o performativo é a prática discursiva que promulga ou produz aquilo que nomeia”, ou seja, “[...] o que ela chama de performatividade do gênero, [...] diz respeito ao caráter ativo da relação entre o sujeito e a sociedade, enquanto esta última é organizada dentro de normas e de leis que funcionam pelo discurso” (Tiburi, 2013, p. 22).

Assim, tomando-se o sexo enquanto um objeto de caráter histórico, produto da relação poder/saber (Foucault, 1988), Butler (2003, p. 46) infere que,

Ao postular o “sexo” como “causa” das experiências sexuais, do comportamento e do desejo a produção tática da categorização descontínua e binária do sexo oculta os objetivos estratégicos do próprio aparato de produção. A pesquisa genealógica de Foucault expõe essa “causa” ostensiva como um “efeito”, como a produção de um dado regime de sexualidade que busca regular a experiência sexual instituindo as categorias distintas do sexo como funções fundacionais e causais, em todo e qualquer tratamento discursivo da sexualidade.

Firmino e Porchat (2017, p. 55) afirmam que “[...] o conceito de gênero surge então para afirmar que as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, mas são significadas e valorizadas pela cultura de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais”. Ressalta-se que, a divisão binária arraigada à heteronormatividade, apontada por Butler (2003), enquanto uma “ordem compulsória” a qual exige dos sujeitos uma coerência total entre um sexo, um gênero e uma conduta/desejo/afeto, que são obrigatoriamente heterossexuais, logo uma “heteronormatividade compulsória” (Rich, 1993), por meio da qual a definição dos sujeitos leva a um engessamento identitário no interior das relações engendradas pelo sistema de poder/saber (Foucault, 2013). De forma simplificada concebe-se que toda construção, seja de um sujeito ou de uma identidade, envolve certo grau de normatização, cujo efeito é a produção de excluídos. Tais sujeitos que ocupam a zona de exclusão são definidos por Judith Butler (2002) como corpos abjetos, tais corpos enquadram os sujeitos que não se alinham à norma, como os gêneros não binários, as homossexualidades (Góis, 2002; Rodrigues, 2012) e as práticas sexuais desviantes da heteronormatividade. No estudo aqui apresentado, utilizou-se do termo “homossexualidades”, no plural, de modo a designar as experiências de gays, lésbicas, travestis e transexuais:

Contudo, se reconhece às críticas dirigidas a este termo, assim como sua tendência à generalização que esconde a multiplicidade das experiências e as transformações históricas que marcam a trajetória dos sujeitos. Na perspectiva empregada neste texto, os sujeitos se constituem atravessados pela pluralidade e multiplicidade dos discursos produzidos pelos dispositivos de poder e os processos de subjetivação historicamente contingentes. Assim, longe de sugerir qualquer ideia de essencialidade e generalidade, o termo ‘homossexualidades’, conforme o entendemos, aponta justamente para a pluralidade das práticas culturais, afetivas e sexuais, em constante transformação. (Veras e Pedro, 2014, p. 92)<sup>3</sup>

Assim, ao adentrar o domínio das sexualidades não hegemônicas emerge-se em um cenário balizado por todo um construto social multifacetado, dissidente e fronteiro complexo que atua não somente como forma de legitimação do outro, mas constitui-se como forma de resistência para além das abordagens centradas nas “[...] formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro”, alcançando “[...] suas extremidades, em suas ramificações, onde ele se torna capilar” (Foucault, 1979, p. 182), uma vez que o que fora construído sobre e em torno das sexualidades não hegemônicas reflete ecos discursivos que perpassam a tríade pecado/crime/doença, explicitando uma relação de poder própria, onde a sexualidade manifesta-se enquanto dispositivo<sup>4</sup> de

<sup>3</sup> Acerca das nomenclaturas das experiências homossexuais ver: Costa (1992).

<sup>4</sup> Neste estudo em função da perspectiva adotado pelos autores, tem-se o conceito de dispositivo sob a óptica foucaultiana, a saber: “[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administra-

controle social, alicerçado por discursos hegemônicos que regulam, normatizam, instauram normas e produzem “verdades” e assim prevalecem e são perpetuados.

Em vista disso, se pode compreender que não é a dominação global que se multiplica e repercute sob as camadas sociais que se sujeitam a essa relação de poder, ao contrário, são os fenômenos mais gerais que agem preferencialmente por investimento e anexação dos micropoderes (Foucault, 1979, p. 184). Danner e Oliveira (2009, p.787) vislumbram os micropoderes enquanto “[...] uma rede de dispositivos ou mecanismos que atravessam toda a sociedade e do qual nada nem ninguém escapa”. Logo, ao compreender o que seria um dispositivo e a funcionalidade dele na dinâmica social, voltando-se para o universo das sexualidades humanas, em específico para a ramificação do domínio das sexualidades não hegemônicas representados pelas identidades de gênero<sup>5</sup> e das orientações sexuais<sup>6</sup>, se torna inevitável a não indagação acerca do que há de comum entre uma *drag queen*, uma travesti, uma transexual, um homem *trans*, um *crossdresser*, uma pessoa não binária, um transformista e qualquer outra manifestação identitária sexual não alinhada à norma vigente? A resposta mais óbvia seria o desvio das normas binárias de gênero eleitas pelo proselitismo social, a heteronormatividade.

Com isso, compreender que, o que faz de todas essas identidades supracitadas, “identidades transgêneras”, é a transgressão das normas de gênero, impostas pela sociedade enquanto um mecanismo de controle social, atuante enquanto linha constitutiva do dispositivo histórico da sexualidade é essencial para o desemaranhar deste instrumento de controle, compreendendo que “[...] o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado”, mas sim, “[...] designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (Butler, 2003, p. 25). Ressalta-se que, a transgressão à norma é constitutiva e com isso essencial, pois a relação simbiótica construída historicamente faz com que a existência de uma esteja condicionada à existência da(s) outra(s), uma vez que, a heterossexualidade só existe ao negar a diferença, tendo sua afirmação na não homossexualidade e vice-versa. Com isso se pode compreender como a relação de poder se configura no contexto analisado. Salienta-se que,

[...] o dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles. (Foucault, 1979, p.246)

Em função disso, os corpos abjetos, aqueles cujas vidas não são consideradas legítimas e, portanto, quase impossíveis de se materializar, destacando ainda que o corpo abjeto “[...] não se restringe de modo algum a sexo e à heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas, vidas” e “cuja materialidade é entendida como, não importante” Pris e Meijer (2002, p. 161). Nesse processo de subjugação, incluem-se todos os seres cujo corpo é medido por seu valor de uso – corpos para o trabalho, a procriação, o cuidado e a manutenção da vida e a produção do prazer alheio. O tratamento destinado a certas formas de vida dentro de uma relação de disparidade no âmbito social é descrito por Butler (2003, p. 13), como uma relação onde “[...] certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras”.

Alicerçando-se em tal entendimento tanto do dispositivo histórico da sexualidade, quando das linhas constitutivas do mesmo além das relações sociais desenvolvidas no domínio das sexualidades humanas, se pode vislumbrar o cenário no qual se desenvolve o estudo aqui apresentado, uma vez que o mesmo faz uso da compreensão deleuzeana acerca do “[...] desemaranhar das linhas constitutivas de um dispositivo”<sup>7</sup> como forma de aproximação e análise de um determinado objeto por meio de perspectiva pós estruturalista de base foucaultiana. Diante disso, ao descortinar a ambiência de Organização do Conhecimento (OC), elegeu-se o cinema, sob a perspectiva das representações uma vez que ao se vislumbrar o cinema

[...] enquanto produtor de discursos que ajudam a dar visibilidade às representações sociais em torno das identidades culturais, nos [sic] permite compreender tanto os enfrentamentos, quanto às [sic] permanências e as mudanças presentes no campo social. Sendo o cinema um meio que articula discursos verbais e imagéticos [...]. (Rossini, 2004, p. 2)

tivas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos” (Foucault, 1979, p. 244).

<sup>5</sup> No estudo aqui apresentado o conceito de identidade de gênero é: “Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero” (Jesus, 2012, p. 14).

<sup>6</sup> O termo assume o seguinte conceito no texto aqui apresentado, “Atração afetivo-sexual por alguém. Sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero” (Jesus, 2012, p. 15).

<sup>7</sup> “[...] desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de ‘trabalho de terreno’. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal. (Deleuze, 1990, p.155).

Observar as sobreposições das linhas que compõem a tessitura do dispositivo sob a forma do discurso, da imagem, da forma e também do não dito, uma vez que segundo Bourdieu (2002) como se trata de construir e representar uma categoria social dominada, quer dizer, constituída sobre termos negativos em função da transgressão à norma, deve-se levar em consideração que sua representação envolve o rompimento com as categorias de percepção que fundamentam a inferioridade. Esse rompimento permitiria que experiências vividas de forma tácita ou dissimulada ganhassem visibilidade a partir de sua enunciação pública e que se construam em signos de pertencimento a um grupo social, a uma identidade.

Ao voltar-se para a essência da representação enquanto ferramenta no processo de preservação memorial, uma vez que, aquilo que está representado de forma correta e verossímilante pode ser recuperado, dada a natureza de prova adquirida pelo registro (Briet, 2016), se pode vislumbrar que as relações de poder ditam as normas a serem seguidas no tocante às seguintes indagações: O que representar? Como representar? E assim como em todo processo de escolha, tal decisão incumbe-se da exclusão, pois ao se escolher o que representar também se define o que não representar, essa representação perpassa não apenas os registros, mas está imbuída de ideologia (Arboit & Guimarães, 2015; Guimarães, 2017; Arboit, 2018). Logo, camadas memoriais que surgem em determinados momentos e cenários específicos onde as representações de sujeitos abjetos são influenciadas por contextos sociais, políticos, econômicos e culturais para além das lutas nas quais os grupos marginalizados auferem espaço, fazendo surgir segundo Pollak (1989) memórias subterrâneas. Não obstante, como representar? Se torna uma segunda linha constitutiva do dispositivo de controle e da manifestação dos micropoderes, pois não se trata de roupa, indumentária, de genitália, de vontade de fazer cirurgia ou não, fato esse que povoa as discussões acerca das identidades *trans*, como se sua identidade estivesse intimamente relacionada com o ter ou não um órgão sexual em consonância com a identidade de gênero que o mesmo adotou, seja ela por meios naturais ou por processo de redesignação sexual, ou ainda de qualquer outra forma de dispersão acerca do debate que tomam por referências, inúteis e infrutíferas disputas identitárias. Diante do que fora colocado, o estudo em questão objetivou compreender como as sexualidades não hegemônicas foram representadas no cinema brasileiro no período de 1920-2017.

## 2. Metodologia

A pesquisa foi realizada com base nos dados da Cinemateca Brasileira<sup>8</sup> além de levantamentos independentes realizados pelos autores. Com isso, a partir do recorte cronológico eleito compreendendo o período de 1923-2017 abarcou-se todo o universo filmográfico relacionado às sexualidades não hegemônicas no cinema brasileiro. Foram identificadas 208 produções, selecionadas segundo a disponibilidade<sup>9</sup> e relevância da obra, como se pode observar no Gráfico 01.

O estudo seguiu o seguinte roteiro:

1. Definição dos termos de busca. Utilizou-se o descritor “homossexualidade” levando em consideração a abrangência do termo, a eficiência da recuperação da informação, uma vez que, outros descritores tais como: “homossexualismo<sup>10</sup>”, sofreram variação ou caíram em desuso, no decorrer do tempo e isso dificultaria a recuperação da informação, caso os mesmos fossem utilizados;
2. Identificação da amostra no acervo digital da cinemateca nacional, onde se pode ter acesso aos dados gerais das obras e a materiais de divulgação tais como posters;
3. Assistir as obras cinematográficas para identificar a/o personagem que vivifica no enredo filmico algum tipo de homossexualidade para somente então enquadrá-los na amostra. Ressalta-se que, o estudo aqui apresentado fez uso apenas das obras de longa-metragem;
4. Análise descritiva e temática da produção, com ênfase na identificação dos/das personagens homossexuais no enredo filmico amparada no modelo de análise proposto por Moreno (1995), conforme quadro

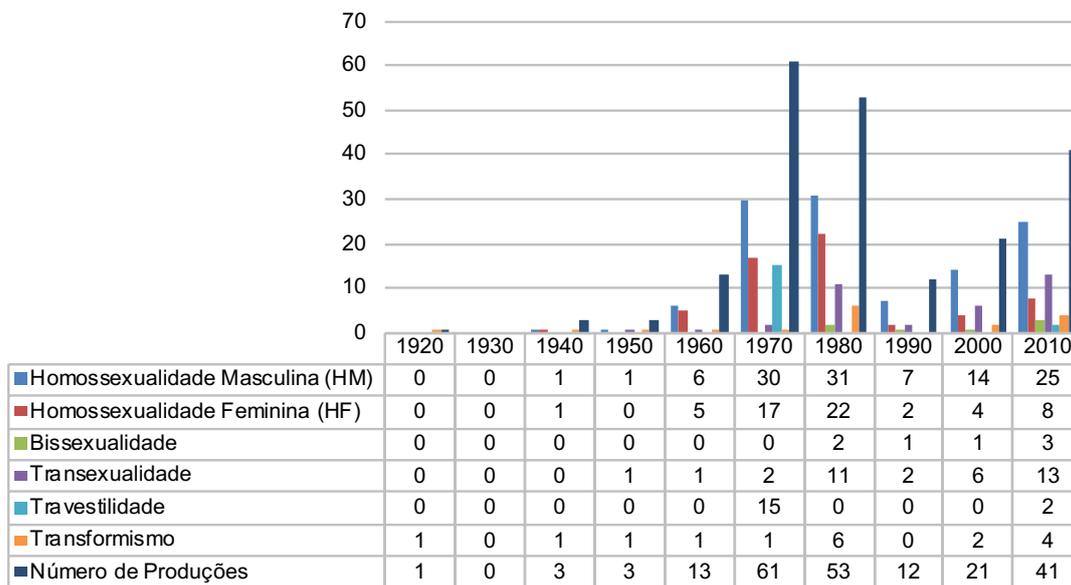
<sup>8</sup> Órgão do Ministério de Educação e Cultura (MEC) ligado à Secretaria do Audiovisual, com sede na cidade de São Paulo - SP e tem como endereço eletrônico ([www.cinemateca.gov.br](http://www.cinemateca.gov.br)). Ressalta-se que, a base de dados da cinemateca pode ser acessada pelo endereço eletrônico (<http://bases.cinemateca.gov.br/>). A cinemateca foi fundada em 7 de outubro de 1946, sendo em tempos hodiernos a instituição responsável pela preservação da produção audiovisual brasileira, que desenvolve atividades sobre a difusão e restauração do seu acervo, um dos maiores da América Latina, com cerca de 200 mil rolos de filmes, entre longas, curtas e cinejornais.

<sup>9</sup> Os investimentos na área de cultura no Brasil, tem sofrido cortes sucessivos na última década, alcançando no Governo Federal que teve início em 1 de janeiro de 2019 e está previsto terminar no dia 31 de dezembro de 2022 os patamares de investimento mais baixos, ver: <https://oglobo.globo.com/cultura/orcamento-federal-da-cultura-cai-metade-em-dez-anos-25183180>. Em se tratando especificamente da Cinemateca Nacional, em fevereiro de 2020, o prédio foi atingido por uma enchente, o que fez com que o Ministério Público Federal PR/SP ajuizasse ação civil pública N° 5012832-90.2020.4.03.6100, em 20 de julho de 2021, pelo abandono da cinemateca nacional e alertando para o eminente risco de incêndio. Em 29 de julho de 2021, um incêndio atingiu a cinemateca nacional destruindo roteiros, arquivos em papel, cópias de filmes e equipamentos antigos que seriam usados na montagem de um museu para contar a história do cinema brasileiro. Obras da filmografia relacionada às homossexualidades e a outras temáticas tidas como marginais foram perdidas, destruídas ou desapareceram por falta de incentivos financeiros na preservação de tais materiais.

<sup>10</sup> Até o ano de 1987, era o termo utilizado para a designação das homossexualidades, no entanto tal termo fora abandonado dada a elevada conotação pejorativa que o termo carrega.

1. Ressalta-se que, não é intuito deste estudo, desenvolver uma continuidade do estudo de Moreno (1995), mas sim, utilizar-se das contribuições do autor para elaborar uma cartografia dos personagens e do tipo de homossexualidade representada na produção cinematográfica nacional.

**Gráfico 1.** Produção filmográfica relacionada às sexualidades não hegemônicas no cinema brasileiro (1920-2017)



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

**Quadro 1.** Estrutura do Modelo de Análise

Modelo de análise fílmica estrutural/significativa				
01	Análise Estrutural ou Sintática			
	Título			
	Gênero	Ano		
	Elenco e Personagens			
	Sinopse			
02	Análise significativa (Significante e Significado) (Significação da Linguagem Narrativa e da Gestual nos níveis do significante e do significado).			
		Significante (Denotação) <sup>11</sup>	Significado (Conotação)	
	Linguagem narrativa	Posição da região no enredo fílmico		Análise da História do Filme
		Contexto social		
		Recursos Narrativos		
		Tipo de montagem		
		Tipo de Interpretação		
		Análise da História do filme		
Linguagem Gestual	Tipo de Gestualidade <sup>12</sup>	Estereotipada	Características	
		Não-estereotipada	Pejorativa	
		Inexistente	Não-pejorativa	
03	Retrato Fílmico Encontrado			
	Texto conclusivo sobre o teor do discurso apontado no filme sobre o assunto, podendo ser: Pejorativo, não-pejorativo e dúbio.			

Fonte: Adaptado de Moreno (1995).

<sup>11</sup> Comentários sobre como o filme conduz o/a personagem dentro de seu enredo fílmico.

<sup>12</sup> Comentário descritivo da gestualidade e sub gestualidade empregadas no(s) filme(s).

### 3. Análise e resultados

No decorrer da análise fílmica identificou-se em tipologias as sexualidades não hegemônicas que foram representadas nas obras cinematográficas. Ressalta-se que as identidades de gênero (Mulher, *Genderqueer*, Homem), a expressão do gênero (Feminina, Andrógina, Masculina), o sexo biológico (Feminino, Intersex, Masculino) e a orientação afetivo-sexual (Heterossexual, Bissexual, Homossexual) constroem no domínio das sexualidades humanas uma complexa tessitura. Cabe ainda compreender que o estudo fora localizado no desvio, uma vez que a heterossexualidade exige uma coerência total entre um sexo, um gênero e uma conduta/desejo/afeto o estudo se fixa em todos os desvios dessa relação que conduzem compulsoriamente à heterossexualidade (Rich, 1993; Butler, 2003; Nascimento 2021).

Logo, o entendimento de que, o que fora produzido sobre e em torno das sexualidades não hegemônicas no cinema obedece ou sofre forte influência da divisão binária de gênero, uma vez que grande parte das representações até a última década do século XX, ressaltam estereótipos<sup>13</sup>, afastando tais representações do aspecto verossimilhante, o que não é desejado ao se representar algo, seja uma informação, um conhecimento, um grupo social ou mesmo um sujeito. Com isso, as primeiras produções nacionais com personagens LGBTQ+ com ênfase para os personagens homossexuais, tem em seu enredo a predominância de personagens masculinos, com uma aproximação do sujeito ao feminino, uma espécie de “caricatura feminina”, o que poderia ser enquadrado enquanto travestilidade ou transexualidade (Visão essa inscrita no período histórico em que a produção cinematográfica foi feita), no entanto tais termos só emergem do contexto social para além do discurso médico científico que permeia as discussões acerca das sexualidades não hegemônicas até o ano de 1987 e que ecoa em tempos hodiernos sob a óptica da patologização das identidades *trans* na segunda metade do século XX.

A exemplo do que fora falado tem-se o registro do filme *Augusto Anibal quer casar* (1923), onde o personagem de Augusto Anibal se casa com o personagem de Darwin, travestido de mulher, fato esse só descoberto após o casamento fictício, quando Darwin despe-se de seu papel de noiva, voltando a falar e andar com trejeitos masculinos.

**Quadro 2.** Filme brasileiro com personagens homossexuais (1920-1929)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1920	<i>Augusto Anibal quer casar</i>	Luiz de Barros	1923	Comédia	– <sup>14</sup>	Darwin	Transformismo

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Salienta-se acerca dos personagens homossexuais nas primeiras décadas do século XX o elevado grau de estigma que os mesmos enfrentavam, mesmo tendo registros de apresentações de transformismo na capital brasileira<sup>15</sup>, desde o final do Império (1822-1889). No entanto, o espaço destinado a tais artistas eram os espaços marginais em ambientes como cabarés, casas de prostituição entre outros espaços onde o “*Gay Clown*”<sup>16</sup> fosse enquadrado. No caso de Darwin, tem-se registros de anúncios de suas apresentações, como “*imitador do bello sexo*”<sup>17</sup>, desde 1914 até 1937, no entanto, não se tem registro de seu nome de batismo, apenas o nome artístico “Darwin”. É importante salientar que a travestilidade desde seus primórdios nas produções cinematográficas foi hipersexualizada, (Castle, 1999) não obstante, a ocorrência de personagens travestis nas produções cinematográficas apresentavam um apelo erótico naturalizado nas obras.

<sup>13</sup> Segundo Albuquerque Junior ao afirmar que “O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo” (Albuquerque Júnior, 2009, p. 22).

<sup>14</sup> Em determinadas obras o nome dos atores não consta nos créditos da produção, em outras obras, o personagem LGBTQIAP+ não é identificado nominalmente seja por nome social ou nome de registro, assim, nos quadros de análise foram colocados um – e em nota de rodapé registrado o maior número de informações possíveis para a identificação do mesmo no enredo fílmico.

<sup>15</sup> O Brasil apresentou três capitais nacionais no decorrer de sua história, a saber: São Salvador – Hoje conhecida simplesmente por Salvador/Bahia, entre os anos de 1549 e 1763, São Sebastião do Rio de Janeiro – atualmente, Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, entre os anos de 1763/1960 e, a atual, Brasília/Distrito Federal, de 1960 aos dias atuais.

<sup>16</sup> Por definição o termo é utilizado para designar personagens extremamente caricatos e estereotipados. Segundo Moreno (2001) a comicidade desses personagens é dada pela ridicularização.

<sup>17</sup> Termo utilizado para definir transformistas e travestis nos espetáculos onde os mesmos apareciam, uma vez que, o termo travesti só vem a ter a condição de identidade sexual na segunda metade do século XX. Nos folhetins e anúncios de teatros onde os artistas se apresentavam a nomenclatura empregada era a de “*imitador do bello sexo*”. Exemplo disso o trecho da propaganda publicada no A federação de 1915, “O sr. Silvino Lisboa, transformista lusitano, e Darwin, imitador do bello sexo, continuam obtendo sucesso com o seu trabalho [...] estando o programa de amanhã destinado a atrair grande concorrência, pois nele figura um número excepcional: o sr. Lisboa trabalhará em duo com Darwin” (A Federação, 27/06/1915, p.7).

Os personagens travestis reaparecem constantemente nas tramas cinematográficas em todos os momentos do recorte cronológico, como se pode observar já na década de 1940 (Quadro 2), o personagem do ator Sebastião Bernardes de Souza Prata (1915-1993), sob o pseudônimo Grande Otelo, travestido de Julieta, consagrou-se com o gênero comédia, e inaugurou uma forma de comédia que borrava as fronteiras do gênero no cinema brasileiro. Boa parte de seus personagens se traveste de forma caricata, carnavalesca e estereotipada, marca das produções da Atlântida Cinematográfica<sup>18</sup> até a década de 1950. A parceria entre Oscar Lorenzo Jacinto de la Inmaculada Concepción Teresa Díaz (1906-1970), popularmente conhecido por Oscarito e Grande Otelo retomam essa perspectiva caricata da travestilidade em diversos momentos incluindo os filmes *Carnaval Atlântida* (1952) e *As 7 Evas* (1962).

**Quadro 3.** Filmes brasileiros com personagens homossexuais (1940-1949)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1940	<i>O cortiço</i>	Luiz de Barros	1945/46	Comédia	–	Albino	Homossexualidade Masculina
	<i>Poeira de estrelas</i>	Moacyr Fenelon	1948	Drama Musical	–	–	Homossexualidade Feminina
	<i>Carnaval no fogo</i>	Watson Macedo	1949	Comédia	Grande Otelo	Julieta	Transformismo

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A década de 1940 apresenta apenas 3 ocorrências de filmes onde as sexualidades não hegemônicas e/ou temática homossexual emergem no contexto filmico. Em *O cortiço* de 1945/46 o personagem homossexual masculino sem nome, é um dos moradores do cortiço que serve como cenário para a obra e também a nomeia. O personagem traz em sua construção a estereotipia de uma homossexualidade afeminada e com fortes trejeitos do sexo oposto, desempenhando a função de lavadeira (profissão tida como feminina na época), tal composição também pode ser observada em *Carnaval de fogo* de 1948, em que a dupla Oscarito e Grande Otelo fazem par romântico (Romeu e Julieta) de Shakespeare. Apesar de ter uma abordagem diferente acerca da homossexualidade ambos têm uma composição predominantemente construída sobre estereótipos. A produção *Poeira de estrelas*, de 1949, traz uma das primeiras construções de personagens homossexuais femininos, ressalta-se que o enredo filmico não trata de forma aberta a questão, mas dá a entender que existe uma relação homoafetiva entre as amigas.

**Quadro 4.** Filmes brasileiros com personagens homossexuais (1950-1959)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1950	<i>Carnaval atlântida</i>	Jose Carlos Burle	1952	Comédia	Oscarito	Helena de Tróia	Transformismo
	<i>Mulher de verdade</i>	Alberto Cavalcanti	1954	Drama	Ivan Monteiro Damião	Ivaná <sup>19</sup>	Transexualidade
	<i>Aí vem os cadetes</i>	Luiz de Barros	1959	Comédia	–	–	Homossexualidade Masculina

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O período compreendido entre os anos de 1964-1985 registra o período de Ditadura militar no Brasil<sup>20</sup>. Período esse, em que apesar de não existir legislação que proibisse práticas homossexuais, tais práticas eram enquadradas enquanto “subversivos morais” ou “depravados morais” (Green; Quinalha, 2014, p. 15)., amparados pelo discurso médico científico de patologização das sexualidades não hegemônicas e em um cenário de exceção de direitos, o Estado utilizou-se de todo aparelho (censura, Delegacias Especializadas de Jogos, de Costumes, de Repressão à Vadiagem, de Menores e de Repressão ao Contrabando, entre outros) para controlar, condenar e apagar tais sujeitos do âmbito social. Cowan (2014, p. 36) sintetiza tal cenário quando afirma que

<sup>18</sup> Companhia cinematográfica brasileira fundada em 18 de setembro de 1941, no Rio de Janeiro por Moacyr Fenelon de Miranda Henriques (1903-1953) e José Carlos Burle (1910-1983). Produziu um total de 66 filmes até 1962, quando cessaram suas atividades.

<sup>19</sup> Ivaná (Ivan Monteiro Damião) foi uma das primeiras pessoas *trans* do teatro de revista brasileiro. A revista *Manchete* nº 75, publicada em 26 de setembro de 1953, traz a artista na capa da edição e revela sua identidade como forma de espetacularizar o sujeito *trans*.

<sup>20</sup> Ditaduras no cone sul das Américas: Argentina (1966-1973), Ditadura militar no Chile (1973-1990) e no Brasil (1964-1985).

a “homossexualidade nunca chegou a ser a razão principal pela qual as pessoas foram presas, torturadas e sujeitas aos abusos dos direitos humanos e civis – mas formou parte de um conjunto de ansiedades sobre a ameaça, vaga e supostamente difusa, da subversão”.

O “aparelho repressor” estatal atuava e atua de diversas formas em distintas camadas da sociedade, fazendo uso de dispositivos como a censura<sup>21</sup> que fora oficializada no Brasil em 1972. No entanto, cabe ressaltar que, assim como Orlandi (1999, p. 67) afirma “[...] o que foi censurado não desaparece de todo. Ficam seus vestígios de discursos em suspenso e in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação equívoca com as margens dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites”. Logo, sob essa óptica, as produções cinematográficas podem ser consideradas agentes de tutela da informação, pois registram mais do que um enredo filmico, o próprio contexto histórico em que fora produzido. Fazendo emergir do contexto filmico não só informações indesejadas, mas representações de sujeitos e comunidades marginais que deveriam ser silenciadas. Ressalta-se que, a importância de uma obra não se dá, apenas em função de seu conteúdo, mas pelo esforço do próprio sistema em evitar que seu conteúdo seja divulgado.

**Quadro 5.** Filmes brasileiros com personagens homossexuais (1960-1969)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1960	<i>Bahia de todos os santos</i> * <sup>22</sup>	Trigueirinho Neto	1960	Drama	–	– <sup>23</sup>	Homossexualidade Masculina
	<i>Mulheres, cheguei!</i> *	Victor Lima	1961	Comédia	Ivaná (Ivan Monteiro Damião)	Diva	Transexualidade
	<i>As 7 Evas</i> *	Carlos Manga	1962	Comédia	Oscarito	Eva Todor	Transformismo
	<i>O Beijo</i>	Flavio Tambellini	1963	Drama	Reginaldo Farias	Arandir	Homossexualidade Masculina
	<i>Asfalto selvagem</i>	J. B. Tanko	1964	Drama	Maria Helena Dias	Leticia	Homossexualidade Feminina
	<i>Noite vazia</i>	Walter Hugo Khouri	1964	Drama	Norma Bengell	Mara	Homossexualidade Feminina
					Odete Lara	Cristina	
	<i>Deus e Diabo na terra do sol</i>	Glauber Rocha	1964	Drama	Iona Magalhaes	Rosa	Homossexualidade Feminina
					Sônia dos Humildes	Dadá	
	<i>Um ramo para Luísa</i>	Josip Bogoslaw Tanko	1965	Drama	–	Armando	Homossexualidade Masculina
<i>O menino e o vento</i>	Carlos Hugo Christensen	1966	Drama	Ênio Gonçalves	José Roberto	Homossexualidade Masculina	
				Luiz Fernando Ianelli	Zeca da Curva		
<i>Engraçadinha depois dos 30</i> *	J.B. Tanko	1966	Drama	–	–	Homossexualidade Feminina	

<sup>21</sup> Para controlar as manifestações contra o regime, foi instalada oficialmente, em 1972, a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), sob o controle do Departamento de Polícia Federal. Esse órgão tem sua gênese em 1931 com o DOP, Departamento Oficial de Propaganda, criado por Getúlio Vargas, que posteriormente foi substituído, em 1934, pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), que, em 1939, deu lugar a outra divisão que seguia os padrões das duas primeiras: o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

<sup>22</sup> O \* ao lado do título de determinadas obras que compõe a amostra do estudo aqui apresentado foi utilizado para identificar as ditas pornochanchadas. As pornochanchadas, constituem-se enquanto “gênero que marcou o cinema nacional nos anos 70” (Sales Filho, 1995, p. 67).

<sup>23</sup> Artista plástico, amigo do mulato Tônio (Jurandir Pimentel) que em determinado ponto do filme anuncia que vai embora para o Rio de Janeiro, pois, um homem mais velho irá financiar suas pinturas dando a entender uma suposta relação homoerótica financeira. Uma representação verossimilhante acerca do envelhecimento dos corpos homossexuais. Comumente ao se debruçar sobre a questão do etarismo sob o recorte das sexualidades, se pode vislumbrar que a partir dos 40 anos os homossexuais masculinos passam a ser reconhecidos como “mariconas” (Termo depreciativo comumente empregado para definir homossexuais masculinos tidos como idosos e/ou cliente de programa que tem traços masculinos, mas que muitas vezes é receptivo nas relações homoeróticas) (Nascimento, 2021). Não obstante, ao observar a questão sob a vertente dos sujeitos trans, questões financeiras são comumente observadas nas relações eróticas, sendo que o etarismo e o entendimento do próprio envelhecimento dos corpos trans no cenário nacional estimulam a compreensão diferenciada acerca do envelhecimento desses corpos em função das expectativas de vida dos mesmos no Brasil, que é de 35 anos segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra).

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1960	<i>O bandido da luz vermelha</i> * <sup>24</sup>	Rogério Sganzerla	1968	Drama	Sérgio Mamberti	Gay que entra no taxi <sup>25</sup>	Homossexualidade Masculina
	<i>Macunaíma</i>	Joaquim Pedro de Andrade	1969	Comédia	–	Barão Wesceslau Pietro Pietra	Homossexualidade Masculina
	<i>Memória de Helena</i>	David E. Neves	1969	Drama	Rosa Maria Penna	Helena	Homossexualidade Feminina
Adriana Prieto					Rosa		

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Thiesen (2013, p. 35) afirma que “[...] a história vem sendo reescrita ao longo do tempo por força das vozes do passado que insistem em emergir do silêncio”. Isso fica evidente ao visualizar as décadas de 1960 (Quadro 4) e 1970 (Quadro 5) do estudo. Tais décadas compreendem 35,57% de toda a produção cinematográfica que apresentavam em seus enredos personagens homossexuais ou que tratavam da temática. É importante salientar que nesse período emerge uma produção oriunda de uma confluência de fatores econômicos e culturais, em especial com a liberação dos costumes, de forte teor erótico, denominada pornochanchada. É de fundamental importância notar que a homossexualidade feminina tem nesse período a maior produção, dada a fantasia heterossexual de uma relação entre um homem e duas mulheres. Ressalta-se ainda que, uma das características marcantes dos personagens homossexuais masculinos do período é a afetação, o modo carnavalesco com que os homossexuais eram construídos e representados consolidando estereótipos e marginalizando todo o segmento da população sob a égide do discurso da estereotipia.

**Quadro 6.** Filmes brasileiros com personagens homossexuais (1970-1979)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1970	<i>O anjo nasceu*</i>	Julio Bressane	1970	Drama	–	–	Homossexualidade Masculina
	<i>Anjos e Demônios</i>	Carlos Hugo Christensen	1970	Drama	Ambrósio Fregolente	Marcos	Homossexualidade Masculina
					Luiz Fernando Ianeli.	Paulo	
	<i>Dois perdidos numa noite suja</i>	Braz Chediak	1970	Drama	Emiliano Queiroz	Tonho	Homossexualidade Masculina
					Nelson Xavier	Paco	
	<i>O donzelo*</i>	Stefan Wohl	1970	Comédia	Flávio Migliaccio	Nestor	Travestilidade Homossexualidade Feminina
	<i>Estranho triangulo*</i>	Pedro Camargo	1970	Drama	Carlo Mossy	Durval	Homossexualidade Masculina
					José Augusto Branco	Werner	
	<i>Matou a família e foi ao cinema</i>	Julio Bressane	1970	Drama	Marcia Rodrigues	Márcia	Homossexualidade Feminina
Renata Sorrah					Regina		
<i>Navalha na carne</i>	Braz Chediak	1970	Drama	Emiliano Queirós	Veludo	Homossexualidade Masculina	
<i>Pecado mortal</i>	Miguel Faria Jr.	1970	Drama	Ancy Rocha	Ancy	Homossexualidade Feminina	
				Rejane Medeiros	Rejane		

<sup>24</sup> O filme foi inspirado no criminoso brasileiro João Acácio Pereira da Costa (1942-1998), foi censurado graças às suas cenas de sexo e nudez.

<sup>25</sup> Personagem caricato que aparece aos 40 minutos e 41 segundos do filme, com um gato nas mãos, apresentando todo um estereótipo homossexual, entra em um táxi e dita toda uma receita de pudim de maracujá.

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1970	<i>André, a cara e a coragem</i>	Xavier de Oliveira	1971	Drama	Stepan Nercessian	Andre	Homossexualidade Masculina
	<i>A casa assassinada</i>	Paulo Cesar Saraceni	1971	Drama	Carlos Kroeber	Timóteo	Travestilidade
	<i>Confissões do Frei Abóbora e seus amores*</i>	Braz Chediak,	1971	Drama	Tarcísio Meira	Mauro - Frei Abóbora	Homossexualidade Masculina <sup>26</sup>
	<i>O doce esporte do sexo (episódio: A Suspeita)*</i>	Zelito Vianna	1971	Comédia	Chico Anísio	Coronel Manuel Moreira	Homossexualidade Masculina
					Carlos Imperial	–	
	<i>Na boca da noite*</i>	Walter Lima Junior	1971	Drama	Rubens Correa	Vitor	Homossexualidade Masculina
					Ivan Albuquerque	Hugo	
	<i>Orgia ou o homem que deu cria*</i>	Joao Silvério Trevisan	1971	Drama	–	–	Travestilidade
	<i>Soninha toda pura*</i>	Aurélio Teixeira	1971	Drama	Elsa de Castro	Nanan	Homossexualidade Feminina
	<i>Uma verdadeira história de amor*</i>	Fauzi Mansur	1971	Drama	Francisco de Franco	Paulo	Homossexualidade Masculina
					Vera Lucia	Darci	
	<i>Os machões*</i>	Reginaldo Faria	1972	Comédia	Márcio Hathay	Denise/Denis	Travestilidade
	<i>Quem é beta?</i>	Nelson Pereira dos Santos	1972	Drama	–	–	–
	<i>Toda nudez será castigada*</i>	Arnaldo Jabor	1972	Drama	Paulo Sacks	Serginho	Homossexualidade Masculina
	<i>Ainda agarro essa vizinha*</i>	Pedro Carlos Rovai	1973	Comédia	Carlos Leite	Gilda	Travestilidade
	<i>Copacabana exagerada/ Copacabana, mon amour*</i>	Rogerio Sganzerla	1973	Drama	Otoniel Serra	Vidimar	Homossexualidade Masculina
					Paulo Villaça	Dr. Grilo	
	<i>Macho e fêmia*</i>	Ody Fraga	1973	Drama	Mario Benvenuti	Juliano	Transexualidade
					Vera Fischer	Juliana	
	<i>Os mansos, (episódio: O Homem, a Mulher, o Etc.)*</i>	Aurélio Teixeira	1973	Comédia	–	–	Travestilidade
<i>O amuleto de Ogum</i>	Nelson Pereira dos Santos	1974	Drama	Luiz Carlos Lacerda de Freitas	Madame Moustache <sup>27</sup>	Travestilidade	
<i>Essas mulheres lindas, nuas e maravilhosas*</i>	Geraldo Miranda	1974	Comédia	–	–	Homossexualidade Masculina	
<i>A estrela sobe</i>	Bruno Barreto	1974	Drama	Betty Faria	Leniza Mayer	Homossexualidade Feminina	
				Odete Lara	Dulce Veiga		
<i>A gata devassa*</i>	Raffaele Rossi	1974	Drama	Silvana Lopes	Condessa	Homossexualidade Feminina	
				Suely Fernandes	Paula		

<sup>26</sup> No filme não existe um intercurso de natureza sexual ou um gestual estereotipado como em muitas produções analisadas. A homossexualidade masculina emerge do voyeurismo praticado pelo Frei Abóbora (Tarcísio Meira) pelos índios do Xingu.

<sup>27</sup> A personagem homossexual e Madame Moustache reaparecem no filme “Marcados Para Viver”, de Maria do Rosano, 1976.

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1970	<i>A rainha diaba</i>	Antonio Carlos Fontoura	1974	Drama	Milton Gonyalves	Rainha Diaba	Travestilidade
	<i>As aventuras amorosas de um padeiro*</i>	Waldyr Onofre	1975	Comédia	Haroldo de Oliveira	Saul	Homossexualidade Masculina
	<i>O casamento</i>	Arnaldo Jabor	1975	Drama	André Valli	Zé Honório	Homossexualidade Masculina
	<i>O roubo das calcinhas (episódio título)*</i>	Braz Chediak	1975	Comédia	Marco Nanini	Alfredo	Travestilidade
	<i>O sexualista*</i>	Egydio Eccio	1975	Comédia	Astolfo Barroso Pinto	Rogéria	Transexualidade
	<i>A dama do loteação*</i>	Neville d' Almeida	1976	Drama	Miguel Falabella	Lana	Transformismo
	<i>Fruto proibido*</i>	Egydio Eccio	1976	Drama	–	Rodolfo	Homossexualidade Masculina
	<i>Marcados para viver</i>	Maria do Rosano	1976	Drama	Tessy Callado	Jojo	Homossexualidade Feminina
					Rose Lacreta	Rosa	
					Luiz Carlos Lacerda de Freitas	Madame Moustache	Travestilidade
	<i>Marilia e Marina</i>	Luis Fernando Goulart	1976	Drama <sup>28</sup>	Denise Bandeira	Marilia	Homossexualidade Feminina
					Katia d' Angelo	Marina	
	<i>A noite das fêmeas - ensaio geral*</i>	Fauzi Mansur	1976	Drama	Elisabeth Hartman	Maura	Homossexualidade Feminina
	<i>Noite sem homem*</i>	Renato Newman	1976	Drama	Ítalo Rossi	Salô	Homossexualidade Masculina
	<i>Barra pesada</i>	Reginaldo Farias	1977	Drama	Fábio Camargo	Naná	Travestilidade
	<i>As depravadas*</i>	Geraldo Miranda	1977	Drama	Meiry Vieira	Jane	Homossexualidade Feminina
					Marly de Souza	Shirley	
	<i>O desconhecido</i>	Ruy Santos	1977	Drama	Luiz Linhares	José Roberto	Homossexualidade Masculina
	<i>Gente fina é outra coisa (episódio: A Guerra da Lagosta)</i>	Antonio Calmon	1977	Drama	Maria Lucia Dahl	Magali	Homossexualidade Feminina
					Marieta Severo	Elza	
<i>Internato de meninas virgens*</i>	Oswaldo de Oliveira	1977	Drama	Aldine Muller	Moça 1	Homossexualidade Feminina	
<i>As amiguinhas*</i>	Carlos Alberto de Almeida	1978	Drama	Diva Medrek	Júlia	Homossexualidade Feminina	
<i>Amor bandido</i>	Bruno Barreto	1978	Drama	Maria Leopoldina-travesti	Marlene	Travestilidade	
				Paulo Guarniere	Toninho	Homossexualidade Masculina	
<i>Chuvas de verão</i>	Carlos Diegues	1978	Drama	Daniel Filho	Geraldinho	Travestilidade	

<sup>28</sup> A obra é baseada em fatos reais ocorridos na década de 1950, no estado do Rio de Janeiro, fatos estes que inspiraram Vinicius de Moraes na composição do poema “Balada das Duas Mocinhas de Botafogo”.

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1970	<i>O cortiço</i>	Francisco Ramalho Jr.	1978	Drama	-	-	Homossexualidade Masculina
	<i>Ele, ela, quem?</i> <sup>*29</sup>	Luiz de Barros	1978	Comédia	Chico Ozanan <sup>30</sup>	Elvira	Intersexualidade
	<i>Os imorais*</i>	Geraldo Vietri	1978	Drama	João Francisco Garcia	Mário	Homossexualidade Masculina
					Paulo Castelli	Gustavo	
	<i>A intrusa</i>	Carlos Hugo Christensen	1978	Drama	Jose de Abreu	Cristiano	Homossexualidade Masculina
					Arlindo Barreto	Eduardo	
	<i>A lira do delírio*</i>	Walter Lima Jr.	1978	Drama	Othoniel Serra	Othoniel	Homossexualidade Masculina
					Pedro Bira	Pedro	
	<i>A morte transparente</i>	Carlos Hugo Christensen	1978	Drama	Wagner Montes	Beto	Homossexualidade Masculina
					Fernando de Almeida	Ramiro	
	<i>Na boca do mundo</i>	Antônio Pitanga	1978	Drama	Norma Begell	Clarisse	Homossexualidade Feminina
					Sibele Rúbia	Terezinha	
	<i>As mil e uma posições do amor (Episódio: Eu não Sou Bicha)*</i>	Carlos Mossy	1978	Comédia	-	Rubinho	Homossexualidade Masculina
	<i>Nos embalos de Ipanema*</i>	Antônio Calmon	1978	Comédia	André de Biase	Toquinho	Homossexualidade Masculina
					Paulo Villaça	André	
	<i>Os rapazes da difícil vida fácil*</i>	Jose Miziara	1978	Drama	Ewerton de Castro	João	Homossexualidade Masculina
	<i>As taradas atacam (episódio: bandidona e bicha)*</i>	Carlos Mossy	1978	Comédia	-	Filho do casal	Homossexualidade Masculina
<i>Por um corpo de mulher*</i>	Hercules Breseghelo	1979	Drama	Helena Ramos	Wanda	Homossexualidade Feminina	
<i>O princípio do prazer</i>	Luiz Carlos Lacerda	1979	Drama	Paulo Villaça	Otávio	Homossexualidade Masculina	
				Carlos Alberto Ricelli	Mário		
				Odele Lara	Norma	Homossexualidade Feminina	
				Ana Maria Miranda	Ana		
<i>Republica dos assassinos</i>	Miguel Faria Jr.	1979	Drama	Anselmo Vasconcelos	Eloina	Travestilidade	
				Tunico Pereira	Carlinhos	Homossexualidade Masculina	
<i>Tara, prazeres proibidos*</i>	Luiz Castelle	1979	Drama	Patrícia Scalvi	Sônia	Homossexualidade Feminina	
				Marielaire Brant	Helena		

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

<sup>29</sup> Um dos poucos filmes que trabalham a temática da intersexualidade.

<sup>30</sup> Um homem cis gênero representa a personagem Elvira na obra.

**Quadro 7.** Filmes brasileiros com personagens homossexuais (1980-1989)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1980	<i>Ariella</i>	John Herbert	1980	Drama	Nicole Puzzi	Ariella	Homossexualidade Feminina
					Christiane Torloni	Noiva de um dos irmãos	
	<i>Bacanal (ménage a trois)*</i>	Antônio Meliande	1980	Drama	John Herbert	–	Homossexualidade Masculina
					Aldine Muller	–	
					Jofre Soares	–	Homossexualidade Feminina
					John Doo	–	
					Patrícia Scalvi	–	
					Nadia Destro	–	Bissexualidade
					Alvamar Taddei	–	
	Misaki Tanaka	–					
	<i>O beijo no asfalto</i>	Bruno Barreto	1980	Drama	Ney Latorraca	Arandir	Homossexualidade Masculina
	<i>Eu te amo</i>	Arnaldo Jabor	1980	Drama	Paulo Cesar Pereio	Paulo	Homossexualidade Masculina
					Vera Abelha	Travestis	
					Regina Case		Travestis
	<i>Giselle*</i>	Victor de Melo	1980	Drama	Alba Valéria	Giselle	Homossexualidade Feminina
					Maria Lúcia Dahl	Haydée	
					Carlo Mossy	Ângelo	Homossexualidade Masculina
					Ricardo Faria	Sérginho	Bissexualidade
	<i>As intimidades de Analu e Fernanda*</i>	José Miziara	1980	Comédia	Márcia Maria	Fernanda <sup>31</sup>	Homossexualidade Feminina
Helena Ramos					Analu		
<i>O Império das Taras*</i>	Jose Adalto Cardoso	1980	Policial	–	_32	Homossexualidade Feminina	
<i>As intimidades de duas mulheres, Vera e Helena*</i>	Mozael Silveira	1980	Drama	Rossana Ghessa	Vera	Homossexualidade Feminina	
				Lameri Faria	Helena		
<i>Maldita coincidência</i>	Sergio Bianchi	1980	Drama	Sergio Mamberti	Transformista	Homossexualidade Masculina	
						Transformismo	
<i>Pixote, a lei do mais fraco</i>	Hector Badenco	1980	Drama	Jorge Julião	Lilica	Homossexualidade Masculina	
				Gilberto Moura	Dito		
<i>Sofia e Anita deliciosamente impuras*</i>	Carlos Alberto de Almeida	1980	Drama	Sandra Kandy	Sofia	Homossexualidade Feminina	
				Fátima Leite	Anita		
<i>Tudo acontece em Copacabana*</i>	Erasto Campos Filho	1980	Drama	–	_33	Homossexualidade Masculina	

<sup>31</sup> Na década de 1980 proliferam títulos do gênero comédia, denominadas de pornochanchada - associação das chanchadas da Atlântida dado o teor erótico ou pornográfico destes filmes..

<sup>32</sup> O teor homossexual em uma sequência onde duas lésbicas que são mortas pelo assassino.

<sup>33</sup> O homossexual está alocado no enredo filmico no apartamento de aliciamento de moças, o que ressalta a condição subalternizada em que tais personagens eram alocados na década de 1980.

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1980	<i>Convite ao prazer*</i>	Walter Hugo Khouri	1980	Drama	Roberto Maya	Marcelo	Homossexualidade Masculina
					Serafim Gonzalez	Luciano	
	<i>O doador sexual*</i>	Henrique Borges	1980	Drama	Ubiratan Gonçalves	Dudu da Proveta	Homossexualidade Masculina
	<i>Gugu, o bom de cama*</i>	Mario Benvenuti	1980	Comédia	Agildo Ribeiro	Gugu	Homossexualidade Masculina
	<i>Amélia, mulher de verdade</i>	Deni Cavalcante	1981	Comédia	Carlinhos Costa	Marivaldo	Homossexualidade Masculina
							Transformismo
	<i>Álbum de família: uma história devassa</i>	Braz Chediak	1981	Drama	Lucélia Santos	Glória	Homossexualidade Feminina
					Alba Valeria	Tereza	
	<i>Ao sul do meu corpo*</i>	Paulo Cesar Saraceni	1981	Drama	Nuno Leal Maia	Policarpo	Homossexualidade Masculina
					Paulo César Peréio	Alberto	
	<i>Engraçadinha*</i>	Haroldo Barbosa Marinho	1981	Drama	Lucélia Santos	Engraçadinha	Homossexualidade Feminina
					Nina de Pádua	Leticia	
	<i>Mulher objeto*</i>	Silvio de Abreu	1981	Drama	Helena Ramos	Regina	Homossexualidade Feminina
	<i>Os rapazes da calçada</i>	Levi salgado	1981	Drama	Lady Francisco	Luis	Homossexualidade Masculina
	<i>Viagem ao céu da boca*</i>	Roberto Mauro	1981	Drama	Ângela Lecrely	Paula	Transformismo
	<i>A noite das depravadas*</i>	Juan Bajon	1981	Drama	Hilton Have	Travesti <sup>34</sup>	Transexualidade
	<i>Asa branca, um sonho brasileiro</i>	Djalma Limonge Batista	1982	Drama	Edson Celulari	Antônio dos Reis (Asa Branca)	Homossexualidade Masculina
					Walmor Chagas	Isaias	
	<i>Beijo na boca</i>	Paulo Sergio de Almeida	1982	Drama	Cláudia Celeste	Travesti	Transexualidade
<i>Tessa, A Gata*</i>	John Herbert	1982	Drama	Nicolle Puzzi	Tessa	Homossexualidade Feminina	
				Patricia Scalvi	Debora		
				Rosina Malbouisson	Roberta		
<i>Das tripas coração</i>	Ana Carolina	1982	Drama	Dina Sfát,	Renata	Homossexualidade Masculina	
				Xuxa Lopes	Mirian		
				Ney Latorraca	Padre	Homossexualidade Feminina	
<i>Mulher amante</i>	Wilson Rodrigues	1982	Drama	–	– <sup>35</sup>	Homossexualidade Feminina	
<i>Profissão mulher</i>	Claudio Cunha	1982	Drama	–	–	Homossexualidade Feminina	

<sup>34</sup> Alguns personagens homossexuais são alocados de forma excessivamente marginal e com isso não tem nome, apenas são evidenciadas suas características em função de sua orientação sexual ou prática erótica.

<sup>35</sup> As relações homossexuais femininas nessa produção são apontadas no discurso fílmico.

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1980	<i>Rio Babilônia</i>	Neville d'Almeida	1982	Policial	Jardel Filho	Mr. Gold	Homossexualidade Masculina Transexualidade
	<i>Amor maldito</i>	Adélia Sampaio	1983	Drama	Monique Lafond Wilma Dias	Fernanda Sueli	Homossexualidade Feminina
	<i>Onda nova</i>	José Antônio Garcia Ícaro Martins	1983	Comédia	Casagrande Wladimir Cristina Mutarelli	Casagrande Wladimir Lili	Homossexualidade Masculina Homossexualidade Feminina Transformismo
	<i>Janete</i>	Francisco Botelho	1983	Drama	Nice Marinelli	Janete	Homossexualidade Feminina
	<i>A quinta dimensão do sexo*</i>	José Mojica Martins	1983	Drama	Márcio Prado João Francisco	Paulo Norberto	Homossexualidade Masculina
	<i>Sargento Getúlio</i>	Hermano Penna	1983	Drama	Orlando Vieira Lima Duarte	Amaro <sup>36</sup> Getúlio	Homossexualidade Masculina
	<i>Tara de colegiais*</i>	Juan Bajon	1984	Drama	Marcos D'Alves	Artur	Transexualidade
	<i>Além da paixão</i>	Bruno Barreto	1984	Drama	Paulo Castelli Patricio Bisso Regina Duarte	Miguel Bombom Fernanda	Homossexualidade Feminina Transexualidade
	<i>Aqueles dois</i>	Sergio Amon	1984	Drama	Pedro Wayne Beto Ruas	Saul Raul	Homossexualidade Masculina
	<i>Bete balanço</i>	Lael Rodrigues	1984	Drama	Diogo Vilela Débora Bloch Maria Zilda Bethlem	Paulinho Bete Bia	Homossexualidade Masculina Homossexualidade Feminina
	<i>O espelho de Carne</i>	Antônio Carlos Fontoura	1984	Comedia	Denis Carvalho Joana Fomm Hileana Menezes Maria Zilda Daniel Filho	Álvaro Cardoso Ana Almeida Helena Cardoso Leila Assunção Jairo Almeida	Homossexualidade Masculina Homossexualidade Feminina
	<i>Memórias do cárcere</i>	Nelson Pereira dos Santos	1984	Drama	—	— <sup>37</sup>	Homossexualidade Masculina

<sup>36</sup> Este filme não tem nenhuma cena de homossexualidade. No entanto, o personagem principal, quando quer se referir a algo fraco, covarde, recorre a termos referentes ao assunto. Por outro lado, o sadismo crescente na aplicação de torturas ao preso revela um prazer perturbador do policial em aplicá-las a um homem.

<sup>37</sup> As cenas apontando a homossexualidade são veladas – talvez, Nelson Pereira dos Santos as tenha construído assim com o intuito de não se indispor com a censura vigente no período. Somente em uma delas, o cineasta mostrou diretamente o comportamento homossexual dentro das prisões. Nela Graciliano (Carlos Vereza), dirigia-se ao banheiro quando avistou em um canto um casal mantendo relações sexuais, o escritor olhou chocado para o quadro enquanto um dos presos lhe perguntou: “Você nunca viu ninguém tomar no cu?”. O que não impede que tal cena sofra corte ou modificação como se pode observar no verso do Certificado de Censura do filme onde encontra-se a seguinte recomendação: “Este corte deve acompanhar obrigatoriamente, certificado n.472/84-CSC, referente ao filme Memórias do Cárcere: 1) intensificar penumbra na cena da relação física homossexual entre os dois presos. 2) Corte sonoro: suprimir as palavras proferidas durante a mesma,” (Brasília, 28.6.84-Lea Fiuza Villaya-Secretaria Executiva-CSC).

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1980	<i>O beijo da mulher aranha</i>	Hector Badenco	1985	Drama	William Hurt	Molina	Homossexualidade Masculina
	<i>Ópera do malandro</i>	Ruy Guerra	1985	Musical	J.C. Viola	Geni	Transexualidade
	<i>Anjos da noite</i>	Wilson de Barros	1986	Drama	Guilherme Leme	Teodoro (Ted)	Homossexualidade Masculina
					Chiquinho Brandão	Lola	Transexualidade
					Marco Nanini	Guto	Transformismo
	<i>Eu sei que vou te amar</i>	Arnaldo Jabor	1986	Drama	Thales Pan Chacon	B	Transexualidade
	<i>Vera</i>	Sergio Toledo	1986	Drama	Ana Beatriz Nogueira	Vera Bauer	Transexualidade
							Homossexualidade Feminina
	<i>Romance</i>	Sergio Bianchi	1986/ 1987	Drama	Hugo Della Santa	André	Homossexualidade Masculina
	<i>Anjos do Arrabalde</i>	Carlos Reichenbach	1987	Drama	Betty Faria	Dália	Homossexualidade Feminina
					Emílio Di Biasi	Carmona	Homossexualidade Masculina
	<i>Leila Diniz</i>	Luiz Carlos Lacerda	1987	Drama	Diogo Vilela	Luiz Carlos Lacerda (Bigode)	Homossexualidade Masculina
	<i>Besame Mucho</i>	Francisco Ramalho Junior	1987	Drama	Antônio Fagundes	Tuca <sup>38</sup>	Homossexualidade Masculina
					José Wilker	Xico	
<i>A dama do cine Shangai</i>	Guilherme de Almeida Prado	1988	Drama	Miguel Falabella	Lana	Transexualidade	
						Transformismo	
<i>A menina do lado</i>	Alberto Salva	1988	Drama	Sergio Mamberti	Paulo Mauricio	Homossexualidade Masculina	
<i>Barrela</i>	Marco Antônio Cury	1989	Drama	Marcos Winter	Rapaz Preso <sup>39</sup>	Homossexualidade Masculina	

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Na década de 1990 e décadas seguintes se pode observar uma crescente retomada<sup>40</sup> da temática que sofreu com a falta de investimentos. Observa-se um amadurecimento da abordagem, iniciada na década de 1980, e todo um processo de humanização dos personagens que até este período eram distorcidos e inverossímeis, o que certificava a construção de um estereótipo que pouco auxiliava nos debates acerca da temática e da representatividade social.

<sup>38</sup> Nessa produção a homossexualidade é velada, a cronologia do filme é invertida como forma de visualização da construção dos cenários conflituos dos personagens.

<sup>39</sup> Sendo colocado em uma cela, o jovem é provocado pelos companheiros de cela, que questionando sua virilidade, procuram seduzi-lo. Assim se estabelece um jogo de sobrevivência. Baseada em fatos reais, ocorridos numa cadeia de Santos, esta peça de Plínio Marcos, de 1958, levada ao cinema em regime de cooperativa, procura mostrar a dura realidade vivida por seis prisioneiros condenados a longas penas e mantidos em uma mesma cela.

<sup>40</sup> O recuo na produção cinematográfica nacional pode ter sido reflexo da extinção da Embrafilme como órgão oficial de cinema no Brasil, no final da década de 1980.

**Quadro 8.** Filmes brasileiros com personagens homossexuais nos anos de (1990-1999)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
1990	<i>Beijo 2348/72</i>	Walter Rogério	1990	Comédia	Claudio Mamberti	Norival	Homossexualidade Masculina
	<i>Matou a família e foi ao cinema</i>	Neville d'Almeida	1991	Drama	Louise Cardoso	Renata <sup>41</sup>	Homossexualidade Feminina
					Claudia Raia	Márcia	
	<i>O corpo</i>	José Antônio Fernandes Garcia	1991	Drama	Claudia Gimenez	Bia	Homossexualidade Feminina
					Marieta Severo	Carmen	
	<i>Perfume de Gardênia</i>	Guilherme de Almeida Prado	1992	Drama	Raul Gazolla	Cesar Llamas	Transexualidade
	<i>Rocky e Hudson</i>	Otto Guerra	1994	Animação	Marco Ribeiro	Rocky	Homossexualidade Masculina
					Garcia Junior	Hudson	
	<i>Cinema de lagrimas</i>	Nelson Pereira dos Santos	1995	Ficção	André Barros	Yves	Homossexualidade Masculina
					Raul Cortez	Rodrigo	
	<i>Jenipapo</i>	Monique Gardenberg	1995	Drama	Patrick Bauchau	Padre Stephen Louis	Homossexualidade Masculina
	<i>Navalha na carne</i>	Neville d'Almeida	1997	Drama	Emiliano Queiroz	Veludo	Homossexualidade Masculina
<i>Bocage, o triunfo do amor</i>	Djalma Limongi Batista	1997	Drama	–	Vários personagens - <sup>42</sup>	Homossexualidade Masculina	
<i>Amores</i>	Domingos de Oliveira e Priscila Rozenbaun	1997	Comédia	Vicente Barcellos	Rafael	Bissexualidade	
<i>Até que a vida nos separe</i>	José Zaragoza	1999	Drama	Marco Ricca	Paulo	Homossexualidade Masculina	
<i>O dia da caça</i>	Alberto Graça	1999	Drama	Paulo Vespúcio	Vander	Transexualidade	

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Na primeira década do séc. XXI se pode observar que as sexualidades não hegemônicas femininas aparecem de forma tímida dentro do contexto filmico evidenciando a ruptura com os estereótipos norteados às fantasias sexuais masculinas, muito recorrentes em décadas anteriores. A personagem Transexual emerge nesse período dado o debate social que se intensifica sob as demandas sociais pela despatologização das identidades *trans*, que surgem dos discursos dos movimentos sociais e adentram ao campo das representações sociais. Ressalta-se que os documentários como *Dzi croquetes* (2009) e as biografias *Madame Satã* (2002), *Carandiru* (2003) e *Cazuza – O tempo não para* (2004), permeiam os títulos desse período vivificando e dando um teor verossimilhante aos personagens homossexuais, o que traz à cena discursos que apresentam teor político, humano e social próximos dos personagens homossexuais representados no cinema brasileiro. Ressalta-se que a quantidade de produções com personagens homossexuais masculinos heteronormatizados auferem espaço, enquanto personagens homossexuais femininas hipersexualizadas de natureza fetichista começam a desaparecer ou ganhar características que condizem com os ganhos do ponto de vista das representações, uma vez que, a representação do feminino passa a ser mais próxima da realidade e não mais uma forma de satisfação da fantasia sexual protagonizada por mulheres para entreter comente o público masculino.

<sup>41</sup> Tais personagens foram interpretadas respectivamente por Renata Sorrah e Márcia Rodrigues em sua primeira versão no ano de 1969.

<sup>42</sup> Na produção cinematográfica, a homossexualidade é algo comum em diversas cenas de nu, interações e planos que dão à produção um teor quase explícito. No entanto, não é possível identificar um personagem que se destaque em meio ao cenário proposto.

**Quadro 9.** Filmes brasileiros com personagens homossexuais nos anos de (2000-2009)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
2000	<i>Cronicamente inviável</i>	Sergio Bianchi	2000	Drama	Cecil Thiré	Luis	Homossexualidade Masculina
	<i>A partilha</i>	Daniel Filho	2001	Drama	Paloma Duarte	Laura	Homossexualidade Feminina
	<i>Amores possíveis</i>	Sandra Werneck	2001	Comédia	Murilo Benicio	Carlos	Homossexualidade Masculina
	<i>Lavoura arcaica</i>	Luiz Fernando Carvalho	2001	Drama	Selton Mello	Andre	Homossexualidade Masculina
	<i>Netto perde sua alma</i>	Beto Souza e Tabajara Ruas	2001	Drama	Filho de Anahy	Teo	Homossexualidade Masculina
					Matheus Nachtergaele	Soldado Farrupilha	
	<i>Viva sapato!</i>	Luiz Carlos Lacerda	2002	Comédia	Marcello Antony	Fifi Capote	Transexualidade
	<i>Dois perdidos numa noite suja</i>	José Joffily	2002	Drama	Roberto Bomtempo	Tonho	Homossexualidade Masculina
					Débora Falabella	Paco	
	<i>Madame Satã</i>	Karim Ainouz	2002	Drama	Lázaro Ramos	Madame Satã <sup>43</sup>	Transexualidade
					Flávio Bauraqui	Tabu	Homossexualidade Masculina
					Fellipe Marques	Renatinho	Homossexualidade Masculina
	<i>Carandiru</i>	Hector Badenco	2003	Drama	Rodrigo Santoro	Lady Di	Transexualidade
					Gero Camilo	Sem chance	Homossexualidade Masculina
	<i>Amarelo manga</i>	Cláudio Assis	2003	Drama	Matheus Nachtergaele	Dunga	Homossexualidade Masculina
					Chico Diaz	Wellington Kanibal	
<i>Cazuza – O tempo não para</i>	Sandra Werneck e Walter Carvalho	2004	Drama	Daniel Oliveira	Agenor de Miranda Araújo Neto (Cazuza)	Homossexualidade Masculina	
				Laura deVison	Transformista da boate	Transformismo	
<i>Irma Vap – O retorno</i>	Carla Camurati	2006	Comédia	Marco Nanine	Cleide Albuquerque	Transexualidade	
					Darcy Lopes		
				Ney Latorraca	Odete Lopes		
					Tony		
Pedro Henrique	Cleide						
<i>Acredite, Um Espírito Baixou em Mim</i>	Jorge Moreno	2006	Comédia	Ilvio Amaral	Lolô	Homossexualidade Masculina	
				Maurício Canguçu	Vicente		

<sup>43</sup> Nascido sob o nome de João Francisco dos Santos (1900-1976), adotou Madame Satã como pseudônimo.

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
2000	<i>Ó pai, ó</i>	Monique Gardenberg	2007	Comédia	Lyu Arisson	Yolanda	Transexualidade
					Tânia Toko	Nelzão	Homossexualidade Feminina
					Érico Brás	Reginaldo	Bissexualidade
	<i>A guerra dos Rocha</i>	Jorge Fernando	2008	Comédia	Ari Fontora	Dina Rocha	Transformismo
					Jorge Fernando	Cassiano/Cassandra	
	<i>Onde andará Dulce Veiga?</i>	Guilherme de Almeida Prado	2008	Drama	Carolina Dieckmann	Márcia Felácio	Homossexualidade Feminina
	<i>Dzi croquetes</i>	Raphael Alvarez, Tatiana Issa	2009	Drama	Lennie Dale <sup>44</sup>	Lennie Dale	Transexualidade <sup>45</sup>
					Wagner Ribeiro de Souza	Wagner Ribeiro de Souza	
					Cláudio Gaya	Cláudio Gaya	
					Cláudio Tovar	Cláudio Tovar	
					Ciro Barcelos	Ciro Barcelos	
					Reginaldo de Poli	Reginaldo de Poli,	
					Bayard Tonelli	Bayard Tonelli	
					Rogério de Poly	Rogério de Poly	
					Paulo Bacellar	Paulo Bacellar	
					Benedictus Lacerda	Benedictus Lacerda	
					Carlinhos Machado	Carlinhos Machado	
Eloy Simões					Eloy Simões		
Roberto de Rodriguez	Roberto de Rodriguez						
Elke Maravilha	Elke Maravilha						
<i>Quanto dura o amor?</i>	Roberto Moreira	2009	Drama	Sílvia Lourenço	Marina	Homossexualidade Feminina	
				Danni Carlos	Justine		
<i>A festa da menina morta</i>	Matheus Nachtergaele	2009	Drama	Daniel de Oliveira	Santinho	Homossexualidade Masculina	
<i>Divã</i>	José Alvarenga Junior	2009	Drama	Paulo Gustavo	René	Homossexualidade Masculina	
<i>Do começo ao fim</i>	Aluizio Abranches	2009	Drama	Rafael Cardoso	Tomaz	Homossexualidade Masculina	
				João Gabriel Vasconcellos	Francisco		

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

<sup>44</sup> É importante ressaltar que alguns personagens não são representados por meio dos depoimentos pois já estão mortos, no entanto aparecem em toda a trajetória do grupo e são vivificados tanto nos depoimentos dos parceiros de palco quanto nas representações pictóricas do grupo.

<sup>45</sup> Os personagens de *Dzi croquetes* dadas as suas naturezas transgressoras apresentam características que borram as fronteiras entre os gêneros.

**Quadro 10.** Filmes brasileiros com personagens homossexuais nos anos de (2010-2017)

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
2010	<i>As melhores coisas do mundo</i>	Laís Bodanzky	2010	Drama	Zé Carlos Machado	Horácio	Homossexualidade Masculina
	<i>Como esquecer</i>	Malu de Martino	2010	Drama	Ana Paula Arósio	Júlia	Homossexualidade Feminina
					Bianca Comparato	Carmem Lygia	
					Murilo Rosa	Hugo	Homossexualidade Masculina
	<i>A novela das 8</i>	Odilon Rocha	2011	Drama	Mateus Solano	João Paulo	Homossexualidade Masculina
					Paulo Lontra	Caio	
	<i>Elvis e Madona</i>	Marcelo Laffitte	2011	Comédia	Igor Cotrim	Madonna	Transexualidade
					Simone Spoladore	Elvis	Homossexualidade Feminina
	<i>Teus olhos meus</i>	Caio Sóh	2011	Drama	Emilio Dantas	Gil	Homossexualidade Masculina
					Remo Rocha	Otávio	
	<i>Paraísos artificiais</i>	Marcos Prado	2012	Drama	Nathalia Dill	Érica	Bissexualidade
					Livia de Bueno	Lara	Homossexualidade Feminina
	<i>Eu Te Amo Renato</i>	Fabiano Cafure	2012	Drama	Ingride Conte	Adriana	Homossexualidade Masculina
					Felippe Bondarovsky	Beto	
					Vinicius Moulin Allemand	Andre	
	<i>Serra Pelada</i>	Heitor Dhalia	2013	Drama	Lyu Arisson	Marcelo	Homossexualidade Masculina
					Silvero Pereira	Severino	
	<i>Flores raras</i>	Bruno Barreto	2013	Drama	Gloria Pires	Lota de Macedo Soares	Homossexualidade Feminina
					Miranda Otto	Elizabeth Bishop	
Tracy Middendorf					Mary		
Lola Kirke					Margaret Bennett		
<i>Tatuagem</i>	Hilton Lacerda	2013	Drama	Irândhir Santos	Clécio Wanderley	Homossexualidade Masculina	
				Jesuíta Barbosa	Soldado Araújo (Fininha)		
				Rodrigo Garcia	Paulete		
<i>Minha mãe é uma peça</i>	Andre Pellenz	2013	Comédia	Paulo Gustavo	Dona Hermínia	Transformismo	
				Rodrigo Pandolfo	Juliano	Homossexualidade Masculina	
<i>Somos tão jovens</i>	Antônio Carlos da Fontoura	2013	Drama	Thiago Mendonça	Renato Russo	Bissexualidade	
<i>Crô</i>	Bruno Barreto	2013	Comédia	Marcelo Serrado	Crô	Homossexualidade Masculina	
<i>O concurso</i>	Pedro Vasconcelos	2013	Comédia	Fabio Porchart,	Rogério Carlos	Transformismo	

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
2010	<i>Do lado de fora</i>	Alexandre Carvalho	2013	Drama	Mauricio Evanns	Rodrigo	Homossexualidade Masculina
					Luis Vaz	Mauro	
					Marcello Airoidi	Vicente	
					Andre Bankoff	Roger	
	<i>Rio, eu te amo</i>	Stephen Elliott	2014	Drama	Marcelo Serrado	Célio	Homossexualidade Masculina
	<i>Hoje eu quero voltar sozinho</i>	Daniel Ribeiro	2014	Drama	Guilherme Lobo	Leonardo	Homossexualidade Masculina
					Fabio Audi	Gabriel	
	<i>O Casamento de Gorete</i>	Paulo Vespúcio Garcia	2014	Comédia	Rodrigo Sant'Anna	Gorete	Homossexualidade Masculina
					Letícia Spiller	Rochanna	
					Tadeu Mello	Domitila	Transexualidade
					Ataíde Arcoverde	Marinalva	
	<i>Praia do Futuro</i>	Karim Ainouz	2014	Drama	Wagner Moura	Donato	Homossexualidade Masculina
					Jesuita Barbosa	Airton	
	<i>Batguano</i>	Tavinho Teixeira	2014	Comédia	Everaldo Pontes	Batman	Homossexualidade Masculina
					Tavinho Teixeira	Robin	
	<i>Castanha</i>	Davi Pretto	2014	Documentário	João Carlos Castanha	João Carlos Castanha	Transformismo
	<i>Favela Gay</i>	Rodrigo Felha	2014	Documentário	Maxwell	Maxwell	Transformismo
					Martinha	Martinha	
					Flávio	Flávio	Homossexualidade Masculina
					Dejah	Dejah	
Jeckie					Jeckie	Transexualidade	
Rafaela					Rafaela		
Carlinhos					Carlinhos		
Pandora					Pandora	Homossexualidade Feminina	
Michelli					Michelli		
Gilmara	Gilmara						
<i>Yorimatã</i>	Rafael Saar	2014	Documentário	Luhli	Luhli	Homossexualidade Feminina	
				Lucina	Lucina		
<i>A Paixão de JL</i>	Carlos Nader	2014	Documentário	José Leonilson	José Leonilson	Homossexualidade Masculina	
<i>Para Sempre Teu Caio F.</i>	Candé Salles	2014	Documentário	Caio Fernando Abreu	Caio Fernando Abreu	Homossexualidade Masculina	
<i>Gazelle: The Love Issue</i>	Cesar Terranova	2014	Drama	Paulo	Gazelle	Transexualidade	
<i>Nova Dubai</i>	Gustavo Vinagre	2014	Drama	Paulo Emílio	Paulo Emílio	Homossexualidade Masculina	
				Bruno D'Ugo	Bruno D'Ugo		
				Gustavo Vinagre	Gustavo Vinagre		
				Daniel Prates	Daniel Prates		

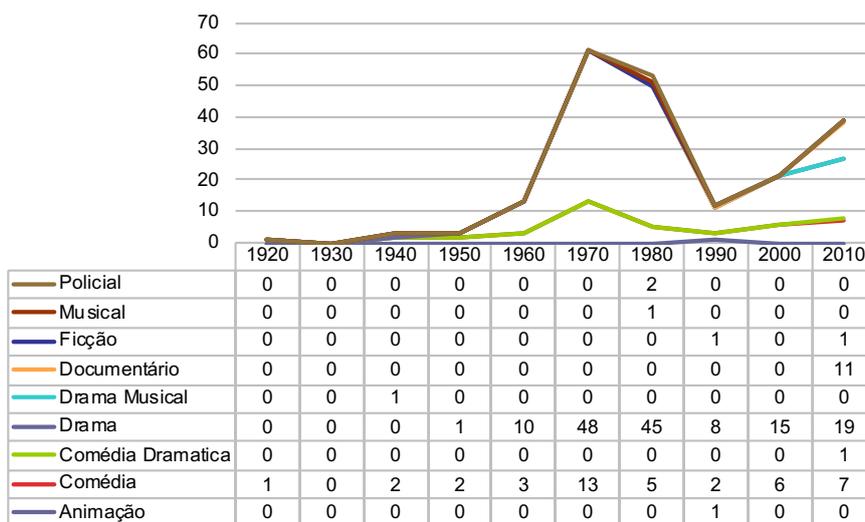
Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
2010	<i>De Gravata e Unha Vermelha</i>	Miriam Chnaiderman	2014	Documen- tário	Mel Gonçalves de Oliveira	Mel Gonçalves de Oliveira	Transexualidade
					Johny Luxo	Johny Luxo	
					Ney Matogrosso	Ney Matogrosso	
					Laerte Coutinho	Laerte Coutinho	
					Astolfo Barroso Pinto	Rogéria	
					João W. Nery	João W. Nery	
					Bianca Soares	Bianca Soares	Homossexualidade Masculina
					Leticia Lanz	Leticia Lanz	
					Dudu Bertholini	Dudu Bertholini	
					Samantha Aguiar	Samantha Aguiar	
					Léo Moreira Sá	Léo Moreira Sá	
					Bayard Toneli	Bayard Toneli	
					Walério Araújo	Walério Araújo	
					Eduardo Lourinho	Eduardo Lourinho	
	<i>Copa de elite</i>	Vitor Brandt	2014	Comédia	Thammy Miranda	Traficante Miranda	Transexualidade
					Alexandre Frota	Mãe de Jorge	Travestilidade
	<i>Beira-Mar</i>	Filipe Matzembacher	2015	Drama	Mateus Almada	Martin	Homossexualidade Masculina
Marcio Reolon		Maurício Barcellos			Tomaz		
<i>Mãe só há uma</i>	Anna Muylaert	2016	Drama	Naomi Nero	Pierre/Felipe	Transexualidade	
<i>A Cidade do Futuro</i> <sup>46</sup>	Cláudio Marques	2016	Ficção	Igor Santos	Igor	Bissexualidade	
	Marília Hughes			Gilmar Araújo	Gilmar	Homossexualidade Masculina	
<i>Lampião da Esquina</i>	Livia Perez	2016	Documen- tário	Ney Matogrosso	Ney Matogrosso	Homossexualidade Masculina	
				João Silvério Trevisan	João Silvério Trevisan		
				Leci Brandão	Leci Brandão	Homossexualidade Feminina	
Aguinaldo Silva	Aguinaldo Silva						
<i>Luana Muniz - Filha da Lua</i>	Rian Córdova	2016	Documen- tário	Luana Muniz	Luana Muniz	Travestilidade	
	Leonardo Menezes						

<sup>46</sup> O filme retrata o cotidiano de dois professores e um jovem em sua rotina no sertão do Estado da Bahia. Os intérpretes são na verdade os próprios atores sociais. Ressalta-se que o filme não foi exibido na região onde os atores moram como forma de garantir a integridade física dos mesmos.

Déc.	Título	Diretor	Ano	Gênero	Ator	Personagem	Tipo
2010	<i>Amores Urbanos</i>	Vera Egito	2016	Comédia Dramática	Thiago Pethit	Diego	Homossexualidade Masculina
					Bernardo Fonseca	Luan	
					Renata Gaspar	Mica	Homossexualidade Feminina
					Ana Cañas	Duda	
	<i>Meu Nome é Jacque</i>	Angela Zoé	2016	Documentário	Jaqueline Rocha Côrtes	Jaqueline Rocha Côrtes	Transexualidade
	<i>Laerte-se</i>	Lygia Barbosa da Silva	2017	Documentário	Laerte Coutinho	Laerte Coutinho	Transexualidade
		Eliane Brum					
	<i>Meu corpo é político</i>	Alice Riff	2017	Documentário	Linn da Quebrada	Linn da Quebrada	Transexualidade
					Fernando Ribeiro	Fernando Ribeiro	
					Giu Nonato	Giu Nonato	
Paula Beatriz					Paula Beatriz		
<i>Corpo Elétrico</i>	Marcelo Caetano	2017	Drama	Kelner Macêdo	Elias	Homossexualidade Masculina	
				Márcia Pantera	Márcia Pantera		
				Linn da Quebrada	Simplesmente Pantera		
				Ronaldo Serruya	Arthur	Transexualidade	
				Lucas Andrade	Wellington		

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

**Gráfico 2.** Distribuição da Produção Filmica acerca das Homossexualidade segundo o Gênero



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Na distribuição do universo analisado segundo o gênero se pode perceber que o Drama se afirma enquanto gênero mais produtivo, o que não interfere nas impressões construídas no decorrer das análises, onde ao voltarmos para os aspectos políticos, sociais e culturais, o personagem homossexual surge enquanto sujeito subjugado. As produções compreendidas no período de (1964-1985) destacam-se nesse universo, pois as sexualidades não hegemônicas são representadas por sujeitos alienados da realidade político-social, o que é compreensível devido à atuação dos dispositivos da Ditadura Civil Militar e tem sua construção no enredo filmico atravessada

pela perspectiva da violência, como as construções de *O cortiço* (1945/6 e 1978), *O Anjo Nasceu* (1970), *Navalha na Carne* (1970 e 1997), *A Lira do Destino* (1978), *Dois Perdidos Numa Noite Suja* (1970 e 2002).

Os personagens são ainda sob óptica social pouco instruídos, fazem uso de linguajar chulo, sendo superficiais e promíscuos. Em diversas construções, fazem uso do sexo como função laborativa, escalada social ou reparo financeiro, como em *Estranho Triângulo* (1970), *André, a Cara e a Coragem* (1971), *A Morte Transparente* (1978), *Nos Embalos de Ipanema* (1978), *Navalha na Carne* (1970 e 1997), *Ariella* (1980), *Os rapazes da calçada* (1981), *Madame Satã* (2002), *Dois Perdidos Numa Noite Suja* (1970 e 2002), *Ó pai, ó* (2007) entre outros.

Sob a óptica econômica os personagens homossexuais distribuem-se em todas as classes sociais a depender do período e do tipo de homossexualidade representada, uma vez que personagens travestis e identidades trans normalmente são alocadas nas classes mais baixas, apresentam baixa escolaridade e tem caráter duvidoso podendo viver à margem da lei, como em *O amuleto de Ogum* (1974), *Noite sem Homem* (1976), *Amor Bandido* (1978), *Pixote, a lei do mais fraco* (1980), *Tudo Acontece em Copacabana* (1980), *Beijo na Boca* (1982), *Vera* (1986), com raras exceções como é o caso de *Meu Nome é Jacque* (2016) o que converge com o movimento de humanização e de aproximação das realidades vivenciadas pelos personagens homossexuais nos últimos anos.

A perspectiva da patologização, da anormalidade e da íntima relação com o HIV/AIDS emerge em diversas produções como em *Fruto Proibido* (1976), *Por um Corpo de Mulher* (1979), *Carandiru* (2003), *Cazuza – O tempo não para* (2004), *Dzi croquetes* (2009), *Somos tão jovens* (2013), *A Paixão de JL* (2014), *Meu Nome é Jacque* (2016) entre outros.

As sexualidades não hegemônicas auferem verossimilhança a partir da década de 1990, quando os documentários e personagens próximos da realidade entram em cena. Produções como *Do começo ao fim* (2009), *Flores raras* (2013), *Luana Muniz - Filha da Lua* (2016), *Meu Nome é Jacque* (2016), *Meu corpo é político* (2017), *Corpo Elétrico* (2017), *Laerte-se* (2017), entre outros.

#### 4. Considerações finais

O universo fílmico analisado vislumbra toda uma construção social multifacetada, desviante e fronteiriça que apesar da atuação dos dispositivos de controle social, inscritos nos jogos de poder nos quais tais identidades e práticas estão imersas, conseguem fazer emergir discursos e representações do extrato social analisado, alocado enquanto objeto em virtude dos proselitismos sociais para além da construção da divisão binária, arraigada ao machismo heteronormativo.

As representações das sexualidades não hegemônicas foram, no decorrer da história, se distanciando do local destinado a elas pela visão proselitista, binária e machista onde as sexualidades não hegemônicas serviam para espetacularizar, realizar as fantasias sexuais heteronormativas e tinham proximidade com o sexo oposto, via de regra embasada em uma visão biologizante. Esse afastamento gradativo pode ser observado nas produções ao comparar-se década a década a construção dos personagens e consequentemente das representações de personagens LGBTQ+.

Diante de tal construção histórica vislumbra-se que os ganhos auferidos pelos sujeitos LGBTQ+ com relação à representação cinematográfica tem apresentado um maior grau de verossimilhança nas últimas décadas em um movimento crescente.

#### 5. Referências

- Albuquerque Jr, D. M. d. (2009). *A invenção do nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo: Cortez.
- Arboit, A. E., & Guimarães, J. A. C. (2015). The Ethics of Knowledge Organization and Representation from a Bakhtinian Perspective. *Knowledge Organization*, 42(5), 324–331. <https://doi.org/10.5771/0943-7444-2015-5-324>
- Arboit, A. E. (2017). Representação do conhecimento como ato ideológico. *Logeion: Filosofia da Informação*, 4(1), 154–166. <https://doi.org/10.21728/logcion.2017v4n1.p154-166>
- Beauvoir, S. de. (1967). *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet, 2, São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Costa, J. F. (1992). *A inocência e o vício: ensaios sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Pierre Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil.
- Butler, J. (2002). *Cuerpos Que Importan: Sobre Los Lcmites Materiales y Discursivos del Sexo / Bodies That Matter (Genero y Cultura)*. Ediciones Paidós Iberica.
- Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Castle, T. (1999). A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII. In: G. S. Rosseau & R. Porter. *Submundos do sexo no Iluminismo*. Rio de Janeiro: Rocco.

- Veras, E. F.; Pedro, J. M. (2014). Os silêncios de Clío: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90-109, set./dez.
- Cowan, B. (2014). Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: J. Green & R. Quinalha. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar,
- Danner, F. & Oliveira, N. de. (2009). A genealogia do poder em Michel Foucault. In: *Anais da Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação*, Porto Alegre: PUCRS, 2009. pp.786-794.
- Deleuze, G. (1990). O que é um Dispositivo. Deleuze, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: *Michel Foucault, Filósofo*. Barcelona: Gedisa, pp. 155-161.
- Firmino, F. H., & Porchat, P. (2017). Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, 19(1), pp.51–61. <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819>
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 41.ed. Petrópolis: Vozes.
- Guimarães, J. A. C. (2017). Slanted knowledge organization as a new ethical perspective. In: L. Andersen & L. Skouvig. *The Organization of Knowledge*. Emerald Publishing Limited. pp.87-102.
- Green, J. N.; Quinalha, R. (2014). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar.
- Morando, L. (2014). Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). J. Green & R. Quinalha. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, pp.53-81.
- Moreno, A. do N. (1995). *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. 148 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.
- Moreno, Antonio (2001). *A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Funar-te/ Eduff.
- Orlandi, E. P. (1999). Maio de 1968: os silêncios da memória. In: P. Achard, J. Davallon, J.-L. Durand, M. Pêcheux, E. P. Orlandi. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, pp. 59-69.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, 2(3), 3-15.
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. *Revista estudos históricos*, 5(10), 200-215.
- Prins, B., & Meijer, I. C. (2002). Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 155–167. <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100009>
- Rich, A. (1993). Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: Gelp, B. C. & Gelp, A. (editores). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York/London: W.W. Norton & Company.
- Rossini, M. de S. (2004) Discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90. *Anais do IV Encontro de Núcleos de Pesquisa da INTERCOM*. Porto Alegre.
- Salles, A. C. de M.; Fernandes, F. S., & Maluf- Souza, O. (2015). A MPB no regime militar: silenciamento, resistência e produção de sentidos. *RUA*, 21(2), 341-361. <https://doi.org/10.20396/rua.v21i2.8642477>
- Silva, N. de F. (2016). Ditadura civil-militar no Brasil e a ordem de gênero: masculinidades e feminilidades vigiadas. *Mosaico*, 7(11), 64-83. <https://doi.org/10.12660/rm.v7n11.2016.64778>
- Thiesen, I. (2013). *Memória institucional*. João Pessoa: Ed. UFPB.
- Jesus, J. Gomes de. (2012). *Orientações sobre a população transgênero: conceitos eternos*. Brasília.
- Góis, João Bôsko Hora. Homossexualidades projetadas. (2002). *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 2, p. 515-518.
- Rodrigues, R. De Cássia Colaço. (2012). Homofilia e homossexualidades: recepções culturais e permanências. *História (São Paulo)*, v. 31, p. 365-391.
- Sales Filho, V. V. (1995). Pornochanchada: doce sabor da transgressão. *Comunicação & Educação*, n. 3, p. 67-70.